

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO II

GERENTE—MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA

N.º 4

FORTALEZA, 11 DE MARÇO DE 1888.

SUMMARIO

Expediente :
De penna atraz da orelha—GILBERT.
Pelo mundo artistico.
Belleza Forense—E. CLOTHDE.
Le Palmier qui parle—De VIREMONT.
O bom visco.—PAUL ARÉNE.
Paizagens—EDMUND DE BARRÉS.
Ao luar—ANTONIO SALLES.
O bom gosto Fortalezense.
Recibos.
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

Anno 68000
Semestre 48000

Não se aceitam assignaturas por menos de um semestre.

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 54

De penna atraz da orelha.

A vidraça tinha batido na casa fronteira, sacudindo um relampago pelo quarto a dentro, e foi como a voz do patrão que o despertasse com todas as peripecias de um ~~carão~~ regra.

Depois de ter percorrido o quarto, com o lençol de chita forradinho de branco arrastando como uma capa de rei, a procura do palitô de alpaca, do collete de fustão, da calça de gazineta, da gravata, e do chapeo cinzento, desenterrando tudo isso do meio da desordem geral co-

mo de uns escombros, enfiou a bota. Esta parecia ter o rosto inchado, como o do dono, sem lustro, como si lhe houvessem esfregado uma lixa, ella, a bota que hontem á noitinha luzia como uns olhos negros!

Quando elle alçou a perna, entendiando o dedo na presilha do canno suarento, o solado amostrou uma grande parte roida que punha em evidencia os pontos até á palmilha.

Aquelle sapato nem mais rangia! Coitado era como a maior parte dos rapazes depois que se casam. Ai da rangedeira, do lustro, do tacho, do elastico, da integridade da sola e do coiro!...

O rapaz philosophava assim, cochilando sobre a outra bota, que apanhou, de perna estirada, e o pé já na meia côr de café com a pontinha branca.

O poder gigante da inercia calcava-o: e o dedo magnetico dos sonhos descia-lhe de novo as cortinas dos olhos. Como n'um engenho d'agua o fio de magro corrente, cahindo, cahindo, incute o giro veloz á ingente rodeira, assim, breve a modorra foi despertando a espantosa engrenagem d'aquelle cerebro.

As idéias da gente ficam as vezes como fogo de monturo...

Vinhama-lhe, como em opera magica, as apprehensões de antes da festa, quando o carnaval era ainda o ama-

nhã; as commoções do primeiro momento; as emoções, os desvarios, a especie de abstração, de albeimento, que nos assalta em dados instantes no forte, no bom do prazer.

Sonhando a dormir repetiam-se lhe episodios do sonhar acordado... E como si fosse passado, intromettia-se por ali mephistophelicamente o futuro, isto é: o escriptorio, o pavoroso, o saturno escriptorio com a sua carteira bestial, com os seus livros sem intelligencia e a sua penna sem luz... Do cantinho da prensa do copiadador, entretanto, sahia distinctamente uma senhora.. aquelle escriptorio era d'elle agora... que ventura, elle se transformava no patrão... aquella era a esposa d'elle que vinha reforçal-o com os segredos do seu ser... chamava-o para almoçar, e elle voltava se risonho: — Já vou.

Os livros e as pennas agora para elle chegavam a sentir: não tinham intelligencia, nem luz, mas eram os seus amigos...

E tinha rancor a tudo que não fosse ella. Qual baile, qual nada...

O sapato cahiu-lhe da mão... Diabo, o salto bateu oco, indifferente, machinal, frio como um aviso de despedida. O coração bateu... Faltava banhar o rosto e passara escova nos dentes, pen-tear-se, escovar-se.. porque enfim até isso a casa exigia.

A bacia e a moringa apresentavam-se na janella, por onde entrava o ruido da vida resurgida na quarta-feira de cinza...

O sol parecia ondular com o vento por cima dos telhados como no panno de um circo...

Ao contacto da agua fria nos dedos, á caricia do ar exterior, o rapaz, esfregando os dentes na sua janella, vestido como um tresnoitado bohemio, foi que começou a acordar apenas... o sangue, chamado ás gengivas pela fricção da escova, a mucosa da bocca vasculejada pela agua, o movimento do braço, — como um cheiro que se applicasse ao nariz, n'uma syncope, — chamavam-n'o á vida muscular.

★

Porém as ruas ainda estavam calçadas.

No meio do quarteirão parava uma velha carroça roxo-terra; e sentia-se asperamente o chiado secco da vassoura da limpeza publica.

Pausadamente caminhavam os caixeiros, em numero escasso a abrir as lojas. Ouvia-se espaçadamente grunhir as linguetas, rosnaem os gonzos, em um quasi silencio. Passavam rareados convalescentes para as vacarias; e distribuidores de pão com as cestas de vime ao hombro com a costumeira manta encarnada.

Assanhava-se a bemaventurada sonaria dos sinos, tocando ao descarrego das consciencias.

E desapareciam na esquina resadeiras apressadas

Raparigotas de vestido simples e cabello penteado com agua, as mãos cahidas sobre o ventre, com o lenço, o rosario e o manual; os sapatos comidos para um lado, de

elastico esgadolhudo; a vista para o chão como si atravessassem uma região impudica; a tez pallidecida, iam, com o erectismo abafado de quem sorve a nevrose do templo por lhe ser inacessivel a nevrose do mundo..

Os caixeiros sacudiam as traucas de ferro, e varriam os interiores.

Via se, d'elles, alvos, robustos, de mangas arregaçadas. Defronte uns arrumavam peças de chita, com o olhar tresnoitado e pequenino.

Um bello dia que se levantava na rua! Longe ouvia-se o bater de uma enxada e o chiar intermittente de uma serra. Um caixeiro moreno por demais, de cabello a escovinha, novato, muito puxado no serviço, parecia notar longamente os transectes, com a vassoura em descanso, e manifestava a presença desanuviada de quem conservasse ainda a doce brutalidade do sertanejo. O arzinho de chuva, que ameaçava, devia lembrar-lhes que habitar nos mattos, bebendo leite e jantando arroz com carne odorante a queijo: respeitado não só pelo cabroeiro, que costumava tratar a meninos de familia por *séo cadete*, como pelas autoridades e funcionarios que soiam passar as mãos pela cabeça do filho do doutor fulano, e do capitão sicrano, era preferivel a sujeitar-se aos appellidos de *cabeça de toicinho*, *cabello de espeta-cajú*, a suportar os carões do patrão, e a aguentar o máo trato dos collegas...

Enfiavam para o Mercado varios vendilhões, entre os quaes destacavam-se os de hortaliça, com a luzente bacia de zinco d'onde repolhava o setim das alfaces, o crespo das

couves, e reportavam os biquinhos dos quiabos, d'entre a purpura dos tomates... centros de palminhas bordadas, e molhos de ceboulas... Lá iam mulatas de chale a tiracollo com as vazilhas para as compras; marchantes, de roupa acceiada e passo ligeiro com o guarda sol debaixo do braço; meninos a distribuir jornaes; pedreiros; carpinas; homens do ganho com o urú vazio; donos de casa, em pessôa para a feira... e regos mendigos, com a mão no hombro dos guias de roupa suja e rota...

★

Apertando o gargallo da moringa, o rapaz encheu a bacia, e quando a physionomia sentiu as primeiras máocheias agua, a rede electrica dos nervos transmittiu por todo o corpo a verdadeira e definitiva sensação do despertar. Foi como si retumbasse a voz de — *sentido!* — por um batalhão em forma que estivesse em descanso.

E breve, no impedimento da toalha de rosto, que elle não sabia onde parava, enchugou se o lençol.

Ensaçou os primeiros passos na direcção da sahida, mesmo porque já um relógio batera placidamente as sete horas. Aquillo é que era suar um coração agoniado. Sete horas, hora de horror...

« Hora de febre fataes

Hora em que gemem saudades
Dos tempos que não vêm mais!
Quando os pallidos precitos
Requeimam labios malditos
Em taças de negro fel !... »

Mas emfim, sabiu como um doido.

Maldita canneta, livros cynicos do commercio! A Inquisição não se lembrou d'esse tormento pavoroso!

E n'aquelle negação absoluta pelo trabalho, elle sus-

pirava ardentemente, imprecativamente, como o desgraçado rico, do inferno vendo Lazaro no ceo :

—Deus, oh Deus ! porque não me fizeste empregado publico ? !

Memento depois ouvia-se ainda o ganir dos armadores ao balanço decrescente da rede, no quarto deserto e desordenado, onde as manchas de sol iam insensivelmente caminhando por cima dos trastes e das roupas e das estampas colladas na parede

GIL BERT.

PELO MUNDO ARTISTICO

Le Baiser é o titulo de uma interessantissima comedia em um acto, de Theodoro de Banville, ultimamente representada em Paris. É, ao que parece, uma cascata de rimas brilhantes, uma verdadeira joia. O seu enredo é o seguinte:

Pierrot encontra-se nos bosques de Vivoflay com a fada Uryel, transformada em velha, a qual só poderá voltar ás suas fórmas primitivas si obtiver o beijo de um innocente.

Este beijo ella pede-o a Pierrot, que lh'o dá e vê-se logo diante de uma encantadora menina. Acha-a bella e pede-a em casamento naquella mesma occasião, sob o azul do céu, em presença dos rouxinões, como teste muhas.

A fada vê-se quasi vencida pela voz do mortal enamorado. Cantos celestes ouvem-se entre a folhagem: são as companheiras de Uryel que a chamam. Uryel não pôde resistir ao desejo de reunir-

se a ellas ; restitue o beijo a Pierrot e foge.

Pierrot deixa-se a principio dominar pelo desespero ; mas de repente olhando para a platéa, cheia de bellas espectadoras, acha que é inutil desconsolar-se, reconhecendo que em Paris ha muita moça bonita, capaz de fazer esquecer a fada infiel.

*

Brevemente celebrar-se a em Berlim o jubileu originalissimo do artista Venicke, que representou cinco mil vezes, no mesmo theatro, desde 1853 !

*

François Coppée, o illustre poeta auctor do *Severo Torelli*, está em Amsterdam fazendo conferencias litterarias.

Quando passou em Bruxellas almoçou com o duque d'Aumale.

*

Com o titulo *Esboços e Perfis*, vai o distincto escriptor Lucio de Mendonça publicar um volume de tresentas paginas de prosa, contos já publicados, alguns na «Gazeta de Noticias.»

*

Vae elevar-se em Cracovia um monumento á memoria do célebre poeta polaco Mickiewicz, feito por subscrição nacional que attingiu a somma de 72 contos de réis.

Esse monumento que será um dos maiores da Europa, pois medirá 15 metros de altura, é feito pelo esculptor francez Godebiki.

*

Sarah Bernhardt leu a varios de seus amigos uma obra dramatica que escreveu e que em breve deve ser re-

presentada no Odeon, em Pariz.

Trata-se de um acto escripto em prosa. Personagens: um general sexagenario, sua mulher e seu sobrinho. Este, que é um medico distincto, fôra amante de sua tia, tendo nascido desta união illicita uma criança, cuja paternidade se attribue ao general.

A generala ama seu marido, odeia o que foi seu amante e adora o filho de suas entranhas. Ao levantar do panno a mãe chora junto do berço da criança, que se acha gravemente enferma. Como a familia está no campo, não ha remedio senão recorrer ao sobrinho, isto é, ao amante, e ao pai do innocente.

Todo o drama baseia-se na luta entre o amor maternal e o dever de esposa. A mãe deseja que o seu ex-amante salve seu filho e para isso é necessario que engane novamente o esposo, a quem estima, com o doutor a quem odeia d'alma.

Não resta outro recurso si não chamar o sobrinho, sob pena de que o general, talvez já cioso, chegue á ter graves suspeitas. O drama termina com um effeito em que tanto Sarah Bernhardt como os seus amigos fundão grandes esperanças. A criança morre e este funesto desenlace constitue a expiação da mãe, que se considera por fim rehabilitada e vive por meio da dôr.

*

O monumento levantado em memoria do notável escriptor francez Edmond About foi inaugurado no cemiterio do *Père Lachaise*, a 21 do mez passado.

Deputações da Academia Franceza e de diversas sociedades scientificas assistiram á solemniade.

Em nome da Academia Franceza fallou Ernesto Renan.

*

Falleceu em Pariz o celebre pintor François Bauvin, com 71 annos de idade.

Foi em 1849 que Bauvin fez a sua primeira exposição no *Salon*.

Os seus quadros de mais nomeada intitulam-se: — *Os ebrios, o interior da estalagem, a religiosa*, etc.

Filho de um humilde operario, Bauvin começára a vida como typographo.

*

A cidade do Rio vai receber pela primeira vez a visita da famosa Adelina Patti.

A *diva* cantou durante o mez passado em Lisboa, d'onde seguiu para Madrid.

Da capital hespanhola, depois de dar algumas representações, voltará a Lisboa para no dia 8 do corrente embarcar no paquete «Congo» com destino a Buenos-Ayres.

A sua estréa n'essa ultima cidade se realisará a 6 de abril. Dará ahi 20 representações, percebendo 6:300\$000 por noite! Cantará o hymno nacional argentino nas festas patrioticas de 25 de maio, commemorativo da independencia p'atina.

O tenor da companhia não será Nicolini, seu esposo; o contracto está dependente ainda da resposta definitiva de Gayarre, porem já está alguém fallado conditionalmente para o caso de negativa.

O regente da orchestra será o maestro Arditi, conhecido compositor musical.

De Buenos-Ayres partirá Adelina Patti para o Rio de Janeiro.

Mauricio Grau é o empresario da companhia.

BELLEZA FUNESTA

Quando eu a vejo alegre e descuidosa
Brincando entre os rosaes da adolescencia,
Inundada de aromas de innocencia
Que a tornam mais angelica e formosa;

E descubro através da transparencia
D'aquelle olhar sua alma carinhosa
Como uma estrella limpida e radiosa
Que esclarece os negros da existencia:

Sinto invadir-me mystica tristesa
E mil vezes quizera que a belleza
Não dêsse ao rosto seu tal perfeição.

Ella é tão pobre! E o vicio revoltante
Pode manchar-lhe a nitidez brilhante
E atiral-a no mar da perdição!

F. CLOTILDE.

LE PALMIER QUI PARLE

(Rio de Janeiro---Mars 1887.)

C'est bien, lui voilà sa cime altière.
Le coeur me bat à ce souvenir du passé!
Voilà les lettres unies comme un amour sincère
Voilà nos noms sur l'écorce fixés.

Serments d'amour qu'êtes vous devenus?
Adieu! beaux jours aujourd'hui disparus!
Vous avez trébuché en ce ravin profond
Qui creuse en son chemin le torrent de la vie.

Et j'allais tout ému effacer mon nom, celui de mon amie
Quand une voix de tonnerre éclate sur mon front
«C'est donc toi qui jadis misérable imposteur
Tacha ma robe verte de serments menteurs?»

Grand Dieu. le géant m'a parlé.

Confus, tremblant, terrifié je balbutie.
Hélas je l'aimais tant, elle était si jolie!
«Et que viens tu faire encore? reprit la grosse voix.
Effacer les marques d'un amour éphémère?»

«Mais tu pleures je crois?
Hélas ma peine est si amère
«Alors laisse moi en paix, puisque tu l'aime;
«Je vous connais aujourd'hui tristes, demain en allegresse.

Mais c'est son abandon qui cause ma tristesse.
«Laisse moi, te dis-je, vous êtes tous les mêmes,
Bientôt. Demain peut être au bras de l'infidèle
Vous reviendrez joyeux me faire des cicatrices nouvelles.

Ce géant centenaire dont la tête touche aux cieux
Doit être initié au secret du bon Dieu.

Et mon coeur tout en joie en espérance, ravi
Remercie en silence le palmier mon ami
. Et répète tout bas:
Bientôt demain peut être au bras de l'infidèle
Nous irons joyeux lui faire des cicatrices nouvelles.

DE VIREMONT.

PAIZAGENS

(Transcripção)

I

Alva nympha das fontes brasileiras,
O azul pennacho ondeando á frente,
A aza espadana em crystallina fonte
A garça ; e, feiticeiras,

Vão andorinhas na agua, e lavadeiras,
Rocando, a voar. Não ha quem conte
As borboletas e aves que do monte
Baixam ás ribanceiras.

No vespertino alarde
Cântam jaós e gaturamos.
Como um castello, que arde,

Tremula o sol por entre uns ramos...
--Vae, musa, contemplar hoje uma tarde
Dessas que ha lustros já não contemplamos !

II

Vae da fonte beber que aos plainos erra—
Mansa deslize ou túrbida retumbe,
Ou do orvalho, que já de abrir se incumbe
Da gabiroba a flor, que aroma encerra.

Vae...— Como é doce o azul da serra !...
Como é soberbo o sol que além succumbe !
Quanto insecto que zumbe !...
Quanto a nascer, lucifero, da terra !...

Já dois a dois, ondeando pelo
Espaço, aos leques dos palmitos
Baixam, num atropello,

Os verdes periquitos.
Ruidoso é o bando ; e a saracura, ao vê-lo,
Enche os ares e a flora com seus gritos.

III

SERPENTE NEGRA

Lá, quando a pomba geme, alguma pomba
Vae docemente ao longe respondendo.
O regongar da canguçu ribomba
Na flora, as vezes, cavernoso e horrendo.

É esse de quem o ruoxinol não zomba
Talvez--o sabiá da matta,--em vendo
Lá, do flebil raminho, o astro que tomba
No azul da serra, a flauta vae tangendo.

---Como alegria eu sempre me lembrando
Vou de meu berço...E a varzea, e a serrania
Vejo...e minha alma a infancia vae tornando...

Mas bem depressa foge-me a alegria
Vendo a fila de escravos ir passando
No escuro véo da matta umbrosa e fria.

Praia da Saudade, 1887.

EDMUNDO DE BARROS.

(Da REVISTA DA FAMÍLIA ACADEMICA)

O BOM VISCO

(CONTO DO NATAL.)

(Traducção para a QUINZENA)

O sopro forte do vento jun-
cára pela manhã os camiuhos
do bosque de galhos seccos.
e aqui e alli viam-se bocados
de visco arrancado ás bolas
de espessa verdura que appa-
recem no outomno no cimo
das arvores desfolhadas, se-
melhantes a ninhos de pega
Estavam duas mulheres no
bosque.

Uma velha, muito velha
com a pelle do rosto enrugada
e a das mãos asperas como
a cortiça, a outra jovem
e tão bella que cousa nenhuma
poderia dar uma idéa de
sua belleza.

Não havia por entre a her-
va lyrio que fosse branco co-
mo sua tez, nem pervinca da
cor de seus olhos.

A velha enfeixava lenha
para aquecer a cabana e pre-
parar o jantar.

A moça, como para dis-
trair-se apanhava e prendia
com uma fita o visco que es-
tava por terra.

Assim uma se divertindo
e a outra enfeixando lenha
encontraram-se ao mesmo
tempo na encrusilhada das
Ermidas perto do grande
montão de grés no meio do
qual em logar de uma cruz
cabida se vê hoje uma caver-
na cheia d'agoa. onde os pas-
sarinhos vem matar a sede.

--Que bello visco ! exclamou a velha.

Jesus !...mas que ides faser
com todo elle ?

A moça hesitava em res-
ponder, porque os andrajos
da velha e o seu olhar mali-
gno davam-lhe uns ares de
feiticeira; como porem os an-
drajos estavam limpos e a
malicia do olhar era mistura-

da de bondade ella sintiu-se encorajada e disse :

—Eu sou Guilhermina, a filha de mestre Guilherme que tem sua herdade alem da ponte do caminho da aldeia, no lugar onde a estrada forma uma curva.

Uma casa rica ! rica e abençoada pelos pobres que a conhecem desde que nella recebem esmolas.

—Escutae, boa velha, e visto que a occasião é favoravel dae-me um conselho. Amo alguem que me prometeu casamento, elle me ama tambem, e entretanto não se apressa.

Esta manhã vendo sobre o musgo e a herva tanto visco ao abandono tive a idéa de formar com elle um ramalhete e suspendel-o noute de Natal á nossa porta, sem que ninguém visse.

Como meu noivo é um dos convivas da festa e tem de me conduzir á missa, passaremos eu e elle sob o visco ao mesmo tempo, e vós sabeis que quando dous namorados passam juntamente sob o visco augmenta-se-lhes o amor e casam-se durante o anno.

—Sei, sei, murmurou a velha, mas d'aqui para o Natal faltam ainda dous mezes

—Que importa isto ? Terrei então minha provisão feita. O visco conserva-se por muito tempo e dentro de dous mezes elle não murchará.

A velha se pôz a rir.

—Muito bom visco este, bem florido, bem enramado, com a folha espressa e amarella como ouro, somente é um pouco tenro. As sementes estão ainda verdes. Não deveis escolher o visco tão cedo nem apanhar o que o vento derribou.

Para que elle seja bom e traga ventura aos amantes deve ter experimentado o inverno, soffrido o frio e o gelo e estar preso á arvore tão fortemente que o arranquem juntamente com a casca.

A mocidade não acredita nisto, o que não impede de haver visco e visco como ha amor e amor.

Guilhermina já estava longe e a velha repetia-lhe carregando o feixe :

« Eis um bello visco, o que não impede de haver visco e visco, como ha amor e amo ? »

No anno seguinte, no mesmo lugar perto da encruzilhada das Ermidas, a velha que enfeixava lenha e Guilhermina se encontraram de novo.

Era vespera de Natal.

A herva gelada estava sob os pés, o gelo luzente pendia das arvores e grossos montões de neve jaziam á margem do caminho nos lugares onde o sol não penetrava.

A velha talvez por causa da neve não tinha apanhado lenha.

Trazia a fouce na mão e não sem difficuldade um grande fardo de visco recém-collido.

Reconheceu Guilhermina e viu que ella chorava.

—Então, filha ! Enxugue-mos estes olhos. Seria um crime estragal-os.

—Ah ! minha boa velha, ainda que de nada sirva quero contar-vos meu pesar.

O anno passado, si vos recordaes, eu tinha suspenso o visco á nossa porta para que passando sob elle eu e meu noivo nosso amor crescesse e se realisasse em breve nosso casamento,

A principio tudo correu bem.

Apenas tinhamos posto o

pé no limiar, elle viu o visco e abraçou-me depois da missa e antes de nos sentarmos á meza chamou meu pae á parte e pediu-lhe minha mão.

—E...o final ?

—Tinham-se publicado os banhos e contractado os mestres para as nupcias. Eu me julgava tão feliz ! Uma noute o rio transbordou, afogando as lavouras, os prados, arruinando tres quartas partes de nossa habitação e deixando-nos em desespero.

—Então ?

—Então, respondeu Guilhermina que molhava o avental de lagrimas, então vendo-me pobre, e meu noivo partiu e a pesar de o termo procurado por toda parte não tivemos mais noticias delle.

—Eu vos tinha prevenido, minha filha. Ninguém se deve fiar no visco tenro, e depois os homens são tão volúveis ! E vós o amaes ainda ?

—Não de certo.

—E choraes ?

—Choro a decepção que soffri, mas como poderei amal-o, si elle não me ama ?

—N'esse caso disse a velha rindo desconfiemos bella Guilhermina.

Eu conheço alguem. .

—Alguem ? !

—Sim, alguem (porque embóra velha tenho bons olhos) alguem que de ha muito vos ama e continúa a amar-vos sem se inquietar porque o vosso dote foi devorado pelo rio.

Esse alguem é o filho do visinho.

Porque coraés, bella Guilhermina ?

Hoje não festejam o Natal em vossa casa ?

Fazei, pois, que seja elle o cavalheiro que vos conduza á missa.

—Então, suspirou Guilhermina, talvez fizesseis bem em

vender-me um pedaço ou dois de vosso visco

—Eil-o, minha! bella, amarello como o ouro, com alguns grãos enfileirados, mais claros e brancos do que perolas, um bello visco bem limpo, bem sincero que não engana porque soffreu o rigor do inverno e o frio e gelo e não cahiu ao primeiro sopro do vento.

Guardae, porem, vosso di-

nheiro por que este visco não se vende.

Pertence ao filho do visinho que desde hontem m'o comprou.

E gracejando ao desprender o visco escolhido, a bôa velhura murmurou:

—Eu bem vos disse, Guillermina, ha visco e visco assim como ha amor e amor.

PAUL ARÉNE.

AO LUAR

Noute de estio. O placido e argentado
Novilunio subia lentamente
No curvo azul infindo e de-maiado,
Acclarando a alameda ampla e silente.

Se embebia nas arvores pompudas,
Profusa e branda, a luz embranquecida;
E se enchia de grandes sombras mudas
A superficie quieta da avenida.

Sahia um cheiro doce das confuzas
Aleas, onde as boninas impollutas
Dormiam como dormem nas vestutas
Cellas frias as pallidas reclusas...

Emquanto as rubras rosas,--impudentes
Filhas do amor, replectas de desejos,
Iam sorvendo, tremulas, os beijos
Que lhes davam os zephiros languentes...

Entre os festões espessos e ondulantes
Das lianas, talvez que nos arminhos
De um thalamo feliz,---ternos amantes—
Dormissem mansamente os passarinhos...

Na vastidão d'aquella noite calma,
Como as brisas do mar, que, brandamente,
Sussurram pelas arvores, minh'alma
Divagava, sonora e transparente.

E Ella,---a que tem voz meiga e cantante
Qual das deusas marinhas encantadas,
E tem no olhar a negridão radiante
Das opulentas noites estrelladas:

Ia e vinha; e seu passo era tão leve,
Tão garboso e subtil, aéreo e vago,
Como si o solo fosse um quieto lago
E ella um cysne gentil, da cor de neve...

Minh'alma, que vagava ardente e solta,
Prendeuse, a murmurar ternos idyllos,
Aos sedosos frouxéis dos negros cilios
E aos meandros da trança desenvolta...

E como a espira alvissima de incenso,
Que o vento ora retorce, ora arrebatada,
De nuvem rota um flocos ia suspenso
A' luz---esse thuribulo de prata.

ANTONIO SALLES

O BOM GOSTO FORTALEZENSE.

E'-nos agradabilissimo noticiar que o novo anno promette ao Ceará não só larga messe de bem estar material, como do espirito.

A bôa, total, frenetica alicação que teve a procissão carnavalesca dos Conspiradores Infernaes, isto é: o carnaval que falla ao espirito como commentario alegre e sadio dos acontecimentos e como exhibição de allegorias, de phantasias, de bellezas que só podem ser comprehendidas por um publico já um tanto cultivado, nos penhorou, nos encheu de gratidão por este povo, que mostrou assim não ensurdecer á voz d'aquelles que o convidam para as conquistas da civilisação, para a posse de um estado melhor.

Quanto a lettras, fallamos com franqueza, *A Quinzena* se desvanece pelo favor que o publico cearense lhe tem dispensado.

Só uma coisa ha que se lamenta, é a ausencia completa, o esquecimento mesmo, pelo theatro.

Porém este dezar não deve ser lançado a conta do povo, e sim ao debito do governo provincial, que nem cogita da edificação de uma casa de espetaculos, e nem desafia algum capital que por ahi haja a empregar-se n'isso com a indispensavel garantia e subvenção.

O governo provincial, fallamos em nome da arte, é uma inutilidade. O geral, este nem se lembra de que os cearenses têm cabeça, só sabe que elles têm bolsa para contribuir e estomago para atafulhar de um xarque e de um feijão preto, nas grandes seccas, os cereaes mais caros

d'este mundo, pelos quaes pagamos um juro eterno.

A conta da sociedade cearense deve ser tomado por exemplo, é o gosto que vae apparecendo pela diversões musicas.

Éra notavel a frieza com que se assistia aquia um concerto.

Os ouvidos só se davam com a simpleza barbara de certas musicas de pancadaria e de certos instrumentos atroantes que pareciam antes se dirigir aos musculos do que aos nervos.

Não se enchergava a tela invisivel onde borda se a divina obra da harmonia.

Salvo excepções, não se procurava conhecer as peças, e os auctores, e o que havia ali a soborear, si o sentimento, si a difficuldade de execução, si o primor da melodia, si o pensamento, si o arranjo harmonico; ia-se por ir.

Hoje pelo menos ja se sabe fazer silencio e já se nota espontaneidade nos applausos.

Não existe mais aquelle mal entendido retrahimento por parte das moças, e a prova é que as dispuas do professor Jorge Victor organisaram associação para exhibirem-se mensalmente em concertos familiares, a que tivemos a dita de assistir, e pela continuação dos quaes fazemos a mais sincera prece e votos ás Exmas. meninas.

Consta-nos que se trata de organizar um grande club com fim de fomentar o bom gosto por uma arte assim necessaria quanto bella.

Organise-se ou não, entendemos que todo cearense patriota deve auxiliar aos que se apresentarem com um fim tão civilizador.

Ha sobretudo a este respeito uma idéia adoravel,

principalmente para os que tem filhinhos a orientar para o grande dia da vida :

E' a criação de uma orchestra de meninos, a os quaes, nos aliançaram pessoas competentes, é facilimo de preparar.

Esta em discussão a proposta.

RECIBOS

A parte diversos jornaes que têm a fineza de visitarnos e aos quaes retribuimos com a constancia que nos é possivel, temos sobre a meza A SEMANA e a REVISTA DA FAMILIA ACADEMICA, ambas do Rio.

D'A *Semana* destaca-se a continuação do artigo de Araripe Junior intitulado *A Poesia em suas relações com a função genesica*, um assumpto interessantissimo a que o auctor deu condigno desenvolvimento.

Cabe aqui, como propugnadores da elevação intellectual do Ceará, os nossos emboras ao Sr. Araripe Junior, que é cearense, a quem auguramos a posição de critico eminente, pois que, desde o seu monumental estudo sobre José de Alencar, não tropeçou um só instante, e tem revelado sempre o necessario criterio, caracter e amor ao trabalho, a par do indispensavel talento.

A SEMANA reeditou, no dito numero que temos presente, a *Hysterica*, de Labore, publicada aqui ha tempos no *Liberador*, e fez muito bem, porque aquillo que ó bom deve-se mesmo dar de novo uma vez por outra.

Como prova de quanto vae bem a REVISTA DA FAMILIA ACADEMICA, da Escola Militar da Córte, transcrevemos n'ou-

tro logar uns versos de finissimo lavor, de um estylo verdadeiramente selecto, uns pequeninos prismas por onde se vê, á luz ideal da organização privilegiada de Edmundo de Barros umas brasileiras e bemapanhadas *Paysagens*

ANNUNCIOS

ALFAIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS
Praça do Ferreira n.º 34

Obras feitas, batinas, capas romanas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

J. WEILL & C.^a

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

JOALHERIA

RELOGIOS de todos os generos
Compram sempre ouro velho e moedas.

CEARA'

70—RUA DO MAJOR FACUNDO—70—

GUILHERME ROCHA & C.^a

Drogaria



Drogaria

17 RUA FORMOZA N.º 17

Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO
DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homopathia em tintura, globulos e cartei-ras. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36—RUA DA BOA-VISTA—36

Motta Vieira & C.^a

88—M. Jor Facundo—88
FORTALEZA

Importadores e exportadores